

I. ENSINO SECUNDÁRIO

2. Em contraposição ao ensino básico e ao ensino universitário, o ensino secundário dá-nos acesso à mente e ao coração muitíssimos jovens, rapazes e raparigas, num momento privilegiado: quando “já” são capazes duma assimilação coerente e raciocinada dos valores humanos iluminados pelo Cristianismo, e quando a sua personalidade “ainda” não adquiriu traços dificilmente transformáveis. É sobretudo no ensino secundário que se “forma sistematicamente a mentalidade dos jovens e por conseguinte é o momento em que ele deve fazer a síntese harmónica da fé e da cultura moderna” (CG 31, d.28, preâmbulo).

II. O COLÉGIO, INSTRUMENTO DE APOSTOLADO

7. **Estamos para educar a todos**, sem distinção. Nem pode ser de outra maneira porque o apostolado educativo, como todo o apostolado da Companhia, leva a indelével marca inaciana da universalidade. É certo que esta total abertura do conjunto da obra educativa da Companhia adquire – deve adquirir – determinações locais mais concretas; porém não é admissível o exclusivismo, qualquer que seja.

Assim como é certo também que há-de conjugar-se essa abertura total com a nossa opção preferencial pelos pobres, inclusivamente no campo educativo. Sem ironia, pode afirmar-se que não há grandes problemas de escolarização entre as classes abastadas e que certamente os há – e em proporções por vezes trágicas – entre os mais pobres. E embora seja à sociedade civil que incumba primariamente acudir a essa necessidade social, a Companhia sente-se obrigada por vocação a ir em socorro dessa necessidade humana e espiritual.

Se, porém, entre as classes abastadas não há problemas de escolarização, há-os sim, de evangelização. E a Companhia, também por critérios inacianos, deve formar cristãmente outras classes sociais. E não esqueçamos, naturalmente, essa silenciosa classe média, da qual tão pouco se fala quando se encaram as coisas do ponto de vista dos seus extremos.

8. **Um critério negativo é a não discriminação económica.** O acesso aos colégios da Companhia, na medida em que são necessariamente instrumentos para o apostolado – afetados, portanto, pela radical gratuidade do nosso ministério e da nossa pobreza – não pode estar condicionado pelas possibilidades económicas dos alunos. Este é um pressuposto de fundo e um ideal. Sei muito bem que a realidade, conforme as diversas nações e os tipos de escolas, é forçosamente muito distinta. Porém, enquanto não se tiver ainda conseguido esse ideal, a escola em questão deve estar submetida à tensão de aspirar a que nenhum aluno apto tenha que ficar fora por falta de meios económicos. A

¹ Deste texto, que é longo e foi publicado na íntegra em PEDRO ARRUPE, sj, *Jesuítas para os nossos tempos, Cartas e conferências* (1976-1981), pp. 271-295, foi retirado apenas o que, sendo dito a propósito de colégios da CJ, também se aplica a colégios de inspiração inaciana, como é o caso do Colégio Pedro Arrupe.

reivindicação da igualdade de oportunidades em matéria de educação e liberdade de ensino é algo que entra plenamente na nossa luta pela promoção da justiça.

9. **Um critério positivo: a excelência.** Sejam quais forem as características de um colégio com ensino secundário, uma nota deve ser comum a todos: a excelência, quer dizer, a qualidade. Não me refiro, como é lógico, às suas instalações, mas ao que define propriamente uma escola, e pelo que deve ser julgada: o seu produto, as pessoas que forma. Esta excelência consiste em que os nossos alunos, sendo pessoas de princípios retos e bem assimilados, sejam ao mesmo tempo pessoas abertas aos sinais dos tempos, em sintonia com a cultura e os problemas à sua volta, e pessoas para os outros. O verdadeiro objetivo das nossas escolas está no que é especificamente humano e cristão.

10. **Educação inaciana** – o colégio de ensino secundário deve ser facilmente identificável como tal. Muitas coisas o identificarão com outros colégios não confessionais, ou confessionais, e até de religiosos. Porém, se é verdadeiramente da Companhia, quer dizer, se nele atuamos movidos pelas linhas de força próprias do nosso carisma, com o acento próprio das nossas características essenciais, com as nossas opções, a educação que receberem os nossos alunos há-de dotá-los de certa “inacianidade”, se me permitis o termo. Não trata de atitudes arrogantes, nem de complexo de superioridade. É antes a consequência lógica do facto de que vivemos e agimos em função desse carisma.

IV. O ALUNO QUE QUEREMOS FORMAR

Aqui dou como garantidos os aspetos académicos e educativos. A minha atenção fixa-se noutros aspetos da formação integral que devemos dar aos nossos alunos.

11. **Homens de serviço** segundo o Evangelho. Ele é o “homem para os outros”, do qual tantas vezes me têm ouvido falar. Porém aqui, e especialmente para os nossos alunos cristãos, quero defini-lo sob um novo aspeto. Hão-de ser homens movidos pela autêntica caridade evangélica, rainha das virtudes. Temos falado tanto de fé e justiça! Contudo, é da caridade que recebem a sua força a própria fé e o desejo de justiça. A justiça não consegue a sua força senão na caridade. O amor cristão implica e radicaliza as exigências da justiça ao dar-lhe uma força interior e uma motivação novas.

Muitas vezes se esquece esta ideia fundamental: que a fé deve estar informada pela caridade; e que a justiça sem caridade não é evangélica. É um ponto em que importa insistir, e cuja iluminação e assimilação é indispensável para entender a nossa opção fundamental e aproveitarmos a sua imensa potencialidade.

12. **Homens novos**, transformados pela mensagem de Cristo, cuja morte e ressurreição eles devem testemunhar com a sua própria vida. Temos que esforçar-nos com todo o empenho para valorizar essa herança inaciana, que podemos igualmente transmitir a quem não partilha ainda a nossa fé em Cristo,

traduzindo-o em valores éticos e humanos de retidão moral e solidariedade, que também procedem de Deus.

13. **Homens abertos** ao seu tempo e ao futuro. O aluno dos nossos colégios, no qual dia a dia vamos imprimindo a nossa marca, não é um “produto acabado” que lançamos na vida. Trata-se de um ser vivo, em constante crescimento. Quer queiramos quer não, continuará durante toda a vida a estar submetido ao jogo de forças com quem ele influi no mundo e com as quais o mundo influa nele. Da resultante desse jogo de forças dependerá que ele mantenha a sua vivência evangélica pessoal e de serviço, ou viva numa atonia neutra, ou seja absorvido pela indiferença e a descrença. Por isso, talvez mais do que a formação que lhe damos, vale a capacidade e o desejo de continuar a formar-se, que nós saibamos despertar nele. Aprender é importante, porém muito mais importante é aprender a aprender e desejar continuar a aprender.

Trata-se precisamente de que a nossa educação, no plano psicológico, tenha em conta esse futuro. Que seja uma educação em função do ulterior crescimento pessoal, uma educação aberta, de iniciação de vetores que continuem a ser operativos no resto da sua vida, numa formação contínua.

Esta formação, portanto, tem também que ter em conta o tipo de civilização em que vivemos e no qual eles são chamados a viver no decurso da sua vida: a civilização da imagem, da visualização, da transmissão de informação. A revolução que a imprensa despertou nos alvares do Renascimento é um jogo de meninos comparada com a revolução das tecnologias modernas. A nossa educação tem que tê-las em conta, para servir-se delas e para as tornar conaturais aos nossos alunos.

14. **Homens equilibrados.** Não sei se é pedir demais, depois de tudo o que anteriormente expus. E, mesmo assim, é um ideal irrenunciável: todos os valores antes citados – acadêmicos, evangélicos, de serviço, de abertura, de sensibilidade ante o presente e o futuro – não perdem nada, antes se valorizam mutuamente, quando se combinam de forma equilibrada. O ideal dos nossos colégios não é produzir pequenos monstros acadêmicos, desumanizados e introvertidos. Nem o devoto crente alérgico ao mundo em que vive e incapaz de vibração. O nosso ideal está mais perto do insuperado modelo do homem grego, na sua versão cristã, equilibrado, sereno e constante, aberto a tudo o que é humano. A tecnologia ameaça desumanizar o homem. É missão dos nossos colégios manter a salvo o seu humanismo, sem renunciar por isso a servir-se da tecnologia.

IV. COMUNIDADE EDUCATIVA

22. **As famílias.** Já sabemos que são as primeiras responsáveis da formação dos seus filhos. Porém, essa é uma razão mais para que nos ocupemos também delas, e caminhemos em conjunto na educação. Sem contar que há matrimónios escassamente preparados para formar os seus filhos.

O colégio pode e deve fazer também de catalisador para unir pais e filhos. Um dos males do nosso tempo é precisamente a dissolução da família, não apenas do matrimónio, mas dos filhos em relação aos pais. O colégio é um magnífico lugar de encontro e de convergência de interesses no próprio filho.

É importante que as famílias tenham contacto com o colégio e participem na sua vida, e colaborem nas suas atividades culturais, sociais, etc.

24. **Alunos.** São o elemento central e a principal componente da comunidade educativa. A eles me referi extensamente nestas páginas e não vou repetir-me. Quero, contudo, acrescentar uma coisa: quanto podem educar-nos a nós os alunos! Temos que estar em contacto com eles e, ao trata-los, aprender a ser pacientes ao vê-los impacientes, aprender a ser espirituais quando vemos que eles se movem num mundo materializado, aprender a ser generosos vendo a sua capacidade de sacrifício, aprender a ser homens para os outros ao ver como é grande a sua generosidade, se a soubermos estimular com adequada motivação.

Através dos jovens, pomonos em contacto com uma civilização que nos está vedada, e neles vemos a sociedade de amanhã, associamo-nos ao mundo futuro. Por isso é impossível educar um jovem mantendo excessivas distâncias, estando habitualmente ausente dos seus recreios, mantendo-nos num isolamento asséptico cheio de dignidade académica e, talvez, de complexo de inferioridade e timidez.